



Sempre com muita educação

Os donos da rua

O que mais se vê na rua? Carro, buraco ou flanelinha? Dúvida cruel. Mas há quem diga que flanelinha é como mato, dá em todo lugar

DIOGO DANTAS E MARIANA MUNIZ



O relacionamento entre motoristas e flanelinhas é realmente muito passional. Um exemplo é o site de relacionamentos Orkut. Através de comunidades, os internautas exaltam o ódio desmedido sobre o trabalhador do mercado informal. Na comunidade de “Eu odeio flanelinha”, há mais

de 2.600 pessoas cadastradas. Mas não fica por aí. O sentimento de repulsa é tão grande que muito mais gente se une na saga que tem como único objetivo praticar o velho calote sobre os guardadores ilegais. Mais de 4.300 usuários se cadastraram na comunidade “Eu dou o cano no Flanelinha”.

Wilson Pereira, 53 anos, mora-

dor de São João de Meriti, trabalha como vendedor de tiquete na Tijuca. Segundo ele, mesmo que a região seja repleta de assaltos, em “sua” rua nada acontece com os carros. “Aqui eu já conheço a maioria e eles respeitam os carros do guardador e não vêm assaltar, pelo menos quando eu estou aqui”, garante.

Seu Wilson é um caso à parte quando o assunto é a relação complicada com os motoristas. Alvos comuns de ofensas descabidas, os guardadores regulares precisam de jogo de cintura para lidar com o descontentamento do motorista, que a cada esquina costumam se deparar com um boleto da Prefeitura. E a receita para isso é ganhar a simpatia em um primeiro contato. “Eu chamo sempre de senhor, senhora. A gente lida com o público, então tem que falar sem ignorância. Tem que saber conversar. Ninguém gosta de ser mal tratado”, ensina.

Ao receber os clientes, Seu Wilson procura sempre deixá-los à vontade. “Não quer pagar não paga, não vou debater com ele, não arrumo problema. Mas tem uns que dão R\$ 2,00 ou R\$ 3,00. E quem deixa faltando R\$ 0,20, aí a gente faz por menos uma vez”, explica. Mas na hora de falar do trabalho de seus companheiros de profissão que ainda permanecem na ilegalidade, o guardador não mede críticas. Segundo Seu Wilson, não há vantagem em ser flanelinha. “Eles ganham menos, e são muito discriminados, as pessoas não confiam”, relata.

Mas a falta de confiança é mais pela fama do que pela falta de opção de alguns flaneli-



nhas. O jovem Anderson Silva, de 18 anos, cuida dos carros em frente a uma padaria na Tijuca. Ele conta que já conversou com vendedores de tíquete regularizados, mas que não existe divulgação de como fazer para entrar legalmente no ramo.

Outra característica do contato com os flanelinhas é a generalização do tratamento. Como

não gostam de ser cobrados, os motoristas são mal-educados com os flanelinhas, que só estão na rua para sustentar suas famílias. Anderson da Silva é casado, pai de um bebê recém nascido, e diz que muitas vezes é mal tratado por motoristas. “A maioria é mal-educada sim. Você chega e já falam logo ‘Ai, pelo amor de Deus’”, conta.

Durante a entrevista, Anderson parou para atender uma senhora que saía com o carro. Ouvida pela reportagem, ela, que não quis se identificar, disse que prefere os guardadores regularizados com o boleto. “Não gosto de pagar não. Tem uns que você vê que são regularizados, que é trabalho, outros não”, diz a motorista.

A arrecadação

A renda mensal dos flanelinhas Anderson e Wilson é bastante desigual. Enquanto o primeiro tira por



Como não gostam de ser cobrados, os motoristas são mal-educados com os flanelinhas, que só estão na rua para sustentar suas famílias

mês cerca de R\$ 300,00, o segundo consegue arrecadar aproximadamente R\$ 900,00. Essa diferença se dá basicamente pela regularidade na cobrança dos tíquetes, comprados pelos guardadores na Prefeitura. Mas a compra mínima é de oito mil unidades. Por isso, eles se reúnem em sindicatos, que compram e distribuem os boletos. Cada boleto é dividido com a Prefeitura e com os chamados “donos dos pontos”.

A Prefeitura recebe R\$ 0,80 por tíquete e o vendedor fica com R\$ 1,20, o que totaliza R\$ 2,00. Somado a isso, o guardador deve quitar sua dívida com o representante do sindicato através da compra mínima de oito mil boletos, cujo valor gira em torno de R\$ 5.600,00. Surge a questão: quem tem R\$ 5.600,00 para gastar em oito mil tíquetes?

Dessa maneira, até o guardador regularizado faz bicos para ampliar a renda. Em dias de partidas de futebol no Maracanã, eles fazem a festa. “No domingo, trabalho de jaleco, mas sem talão. Aí os flanelas ganham quanto podem, mas se o motorista não quiser dar, ele não dá. Mas aí eu tiro de R\$ 50,00 a R\$ 60,00 por fora”, revela Wilson. Sabendo de seu erro, ele conta que também já foi preso. “Os policiais pegam a gente e ficam rodando até o jogo acabar, depois soltam”, relata.

As placas de duração do estacionamento variam entre 2 horas, 4 horas e período único. De acordo com a assessoria da CET-Rio, as placas têm o período de acordo com o local onde estão instaladas. Em regiões onde há maior comércio, as placas são de 2 ou 4 horas. E nas vias junto às praias, o período costuma ser único para que o cidadão possa aproveitar o lazer por mais tempo.



Caso de polícia

A assessoria da Prefeitura do Rio de Janeiro para assuntos de transporte explicou que os guardadores regularizados são apenas vendedores de tíquetes. Já os flanelinhas são responsabilidade da Polícia Militar. São eles que recolhem os guardadores ilegais e recebem chamados sobre denúncias de extorsão.



Diogo Dantas

Vendedor de tíquete
preenchendo o talão

O morador pode estacionar sem tíquete?

A CET-Rio implantou por todo o município, em 21 de julho de 2004, o Projeto Cartão Morador, que instituiu normas e procedimentos para o cadastramento de veículos de moradores em logradouros regulamentados por estacionamento rotativo. A posse do Cartão Morador proporciona gratuidade ao estacionar em qualquer vaga disponível de estacionamento regulamentado pelo Sistema Rio Rotativo, localizada no logradouro de sua residência. Cabe ressaltar que, evidentemente, a posse do Cartão Morador não garante a disponibilidade de vaga, nem permite o estacionamento em locais proibidos pelo Código de Trânsito Brasileiro (CTB). Mais informações em www.rio.gov.br/smtr

“Eu chamo sempre de senhor, senhora. A gente lida com o público, então tem que falar sem ignorância. Tem que saber conversar. Ninguém gosta de ser mal tratado”

Wilson Pereira



Fila de espera na Uruguaiana